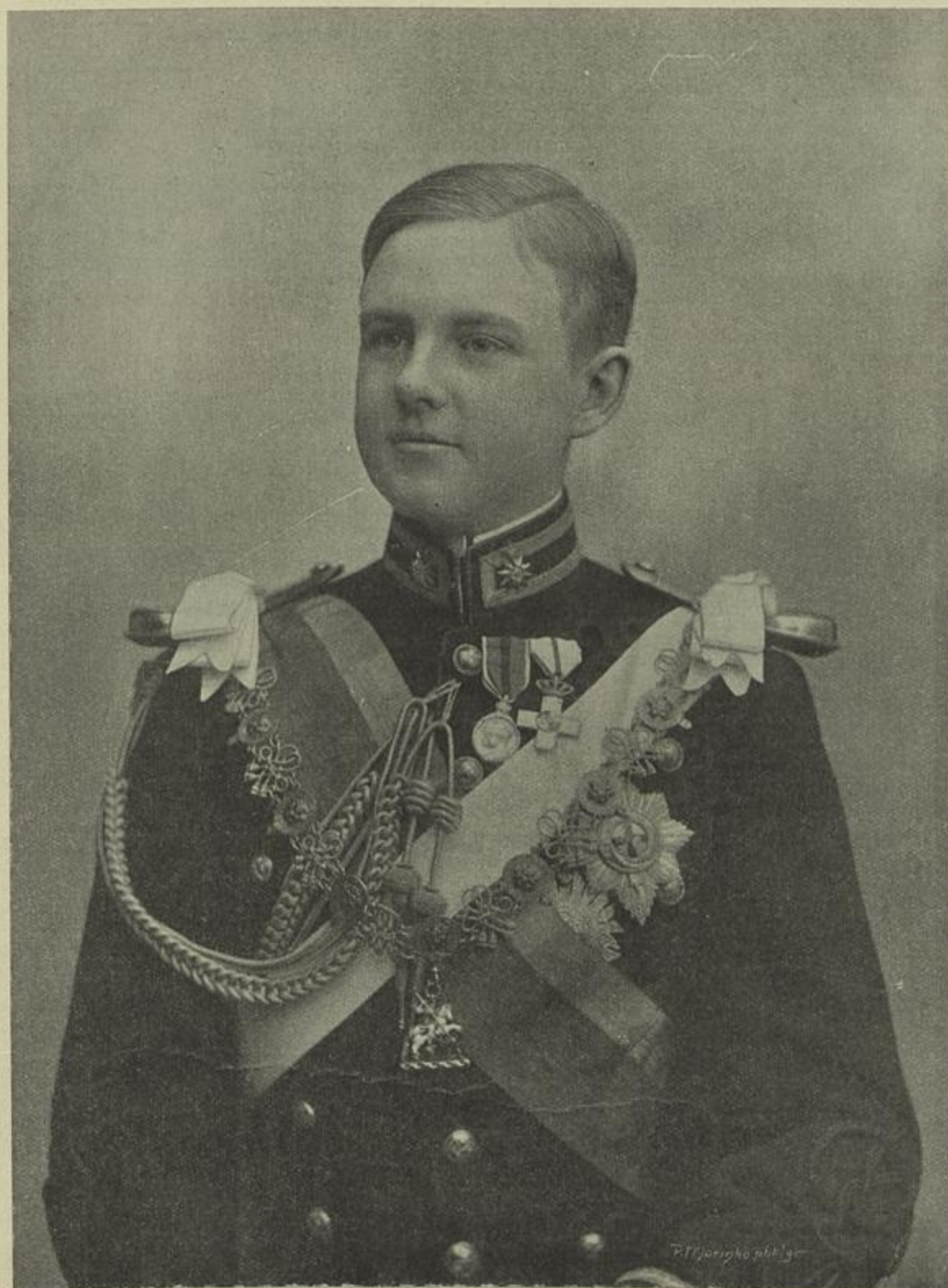


OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 969	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	30 DE NOVEMBRO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—\$—	—\$—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		



SUA ALTEZA O PRINCIPE REGENTE D. LUIZ FILIPPE
(Photographia do sr. A. Bobone)

S. A. O PRINCIPE REGENTE D. LUIZ FILIPPE

REGENTE do reino de Portugal, pela ausencia de seu pae, El-rei Sr. D. Carlos, acompanham-o os votos de todos os bons portuguezes, para que uma só nuvem não encontre em sua altissima missão e para que de seu governo só bem resulte ao paiz, que em Sua Alteza confiou.

Chronica Occidental

Desde que El-Rei, em viagem official, sahio de Lisboa com o fim de pagar a visita ao Presidente Loubet, não é de espantar, que todos os mais assumptos políticos esmorecessem. Resta saber se mais esta pequenina tregua será para acalmar os espiritos ou se, pelo contrario, lhes dará novos alentos para o recommençar das discussões sobre os temas agora postos de parte.

A recepção do governo francez ao Sr. D. Carlos foi brilhante, como se esperava ou, para melhor dizer, como se sabia.

Não houve grandes pompas á chegada de El-Rei á estação do Bosque de Bolonha nem grandes apparatus policiaes. Um simples *landau* puchado a duas parelhas conduziu os chefes de Estado por entre as aclamações do povo, que formava alas em todo o percurso não muito longo.

Seguiram-se uns dias de brilhantes festas officiaes, jantares e espectaculos de gala, visitas a estabelecimentos scientificos e industriaes, e uma grande caçada em que os chefes de estado se mostraram dignos da fama universal conquistada de excellentes atiradores. Todas as palavras que pronunciaram foram colhidas pelos azafamados reporters e comunicadas pelos arames ao mundo inteiro.

O presidente Loubet, emquanto El-Rei não se acolheu ao, decerto almejado incognito, procurou todos os meios para que o mundo soubesse qual é a sua sympathia por este nosso pequenino Portugal, que, como se está vendo, ainda pesa alguma coisa na balança do mundo.

Tornou-se notavel sobre todos um artigo do *Rappel* que, a proposito da visita do Sr. D. Carlos a Paris, publica umas considerações sobre o panlatinismo que poderia contrabalançar o pangermanismo invasor.

Considerando fatalidade inevitavel a reentrada da Austria no grande imperio dos Hohenzollerns, julga que os homens de estado dos paizes latinos, França, Hespanha, Italia e Portugal, teem uma missão a cumprir preparando uma união offensiva e defensiva. Os quatro paizes deveriam formar uma confederação, embora com autonomia e independencia nacionaes, para oppôr-se á invasão allemã, começando por estabelecer a união aduaneira e a unificação de suas tarifas de caminheiros de ferro e de suas leis commerciaes. Assevera o articulista que nenhuma dificuldade diplomatica se oppõe á realisação d'este principio de união, facilitada pelas relações commerciaes e industriaes muito melhor do que pelas mais bem regulamentadas convenções. Confederados todos os estados, constituido o panlatinismo, deveria então preparar-se a união anglo-latina para combater de vez a preponderancia da confederação germanica.

Como se vê, o redactor do *Rappel* não desgosta de fantasiar sobre bases da maior seriedade. E, nos tempos que vão correndo, não sabe a gente já onde a realidade acaba e o sonho começa.

Outros jornaes de Paris contentam-se com muito menos, embora mereçam tambem a honra de ver seus carapetões transmittidos pelos fios telegraphicos a taes freguezes já muito costumados.

O *Echo de Paris*, por exemplo, cita o facto de El-Rei nunca beber pelo mesmo copo duas vezes. Foi um trabalho no Elyseu e no Quai d'Orsay para que constantemente lhe fossem substituidos os copos, pois, se não fosse isto, El-Rei teria de passar pelo desgosto de não beber. No fim da noticia fica a gente espantadissima de não dar com um reclamo dos gabões de Aveiro ou das conservas de Espinho.

Fantasia innocentes são estas, com que é bom um homem distrahir-se de muita preocupação que podem trazer-lhe tantas mexidas que vão por essa Europa, tanto mais desejosa, segundo parece, de entrar em luctas, quanto mais enrouquecem as gargantas dos pregoeiros da paz.

O caso da Noruega cremos ser unico na historia da humanidade, e é como que uma certidão de civilisação que talvez nenhum outro paiz soubesse

apresentar tão limpa. Por morte do Imperador de Austria, cuja velhice respeitavel tem retardado o conflicto, talvez o que houver de passar-se n'aquelles reinos unidos não seja tão de molde para nos causar alegre admiração.

Da Russia continuam chegando telegrammas que nos fazem suppor para muito longe a quietação do vasto imperio, que não a terá talvez senão depois de desmembrado. Se de Sebastopol comunicam estar dominada a insurreição da guarnição da cidade, os telegrammas, que, na mesma data, chegam de Odessa, dão a situação como cheia de perigos.

Por ultimo, foi aqui na nossa vizinha Hespanha, que tumultos assustadores para a integridade do paiz, provocaram os officiaes hespanhoes a uma manifestação contra os catalanistas. Entraram nas redacções de certos jornaes, que mais dirigiam o movimento revolucionario, arrombaram portas a machado, deram cabo dos prelos, queimaram os jornaes. Para se conhecer o estado dos espiritos bastará citar o que se lê nos jornaes de Madrid. O *Imparcial* atribue ao governo a culpa do que se passou, e reclama castigo para os crimes de lesa-patria. O *Liberal* diz que é preciso pôr termo ao imperio da vergonha e da inquietação. O *Paiz* justifica as represalias dos militares com o desleixo do governo ante as manifestações dos separatistas. O jornal *A B C* vai mais longe, afirmando que ou se acaba d'uma vez com o mal ou o mal acabará com a Hespanha.

No parlamento e no congresso as sessões teem sido tumultuosas. O catalanista Marquez de Camps accusou os militares de violação de domicilio, saque e fogo posto, com a circumstancia aggravante de haverem commettido o crime de noite. Montero Rios declarou no congresso que os propositos do governo estavam expressos no projecto de suspensão das garantias, que as pretensões separatistas eram só d'uma pequena parte da Catalunha e que os officiaes, havendo obedecido a generosas intenções, estavam por isso mesmo ao abrigo da lei. O presidente do conselho terminou asseverando que o governo usará de toda a energia para reprimir todos os excessos catalanistas.

Por toda a Europa cheira bastante a chamusco, como diz vulgarmente o nosso povo. Felizmente para nós, o Principe Real, D. Luiz Filippe, agora regente pela primeira vez, apesar de certos agourentos, só viu florescer grande paz n'estes curtos dias em que tem regido o reino.

A' uma e meia da tarde do dia 27 recebeu a direcção da Sociedade de Geographia, em cujo nome o sr. conselheiro Ferreira do Amaral lhe dirigiu as congratulações. No dia seguinte, á mesma hora, recebeu os membros do corpo diplomatico, acreditados junto da corte de Lisboa.

Depois de haver recebido os cumprimentos da direcção da Sociedade de Geographia, o Principe Regente foi visitar o deposito de fardamentos para o exercito, no quartel de Santa Clara, que brevemente vae ser franqueado ao publico. Os representantes da imprensa, convidados amavelmente, assistiram á visita, sendo recebidos com a maior gentileza pelo sr. major Cabreira. Todos os trabalhos expostos mereceram ao Principe os maiores elogios.

Sem uma sombra, esperamos que o sr. D. Luiz Filippe levará ao fim o desempenho do alto cargo que pelas leis constitucionaes lhe compete durante a ausencia de El-Rei.

Vimol-o uma d'estas noites no theatro, ao lado de sua mãe, assistindo a uma das recitas de Susanne Desprez. Corresse-lhe o tempo todo tão luminoso na ordem politica como essas horas lhe foram de certo em coisas d'arte.

Porque seria que a tão famosa actriz parisiense, aquella a que chamam tão justamente a Duse franceza, não obteve exito igual á de muitas das suas collegas? E' realmente inexplicavel o capricho do publico, ás vezes de tão pronunciado bom gosto, outras parecendo que o demonio do máo gosto lhe poz nos olhos uma venda. Nem a mediocridade da companhia que

a luminosa estrella trouxe consigo pode explicar o enigma. Susanne Desprez foi enorme em tudo o que representou, acima de quantas temos visto na tarantella da *Casa de Boneca*, só á Duse comparavel no terceiro acto, ainda que seu typo meridional a prejudicasse no papel; foi de dar calafrios na interpretação da *Fille Elisa*; foi deliciosa no *Poil de Carotte*; deu-nos uma noite de arte, inolvidavel, no *Détour*.

Annunciam se novos espectaculos com excellentes actores francezes. Mais uma vez vá um elogio ao Visconde de S. Luiz manifestando-lhe o nosso agradecimento.

São as novidades de Lisboa. Não fossem estas, apenas tinhamos o leilão da collecção João Arroyo para occupar estas linhas. Algumas das maravilhas teem sido felizmente vendidas a portuguezes; mas quantas irão para o estrangeiro que nos alegra sabermos ter entre nós! Depois do leilão do palacio Foz, este agora! Quantos objectos de arte entram em Portugal por tantos que vão sahindo? Muita vez para estes assumptos se tem chamado a atenção dos governos; mas que hão de elles fazer n'um paiz que por gosto destroe obras que tem incomparaveis, monumentos de arte, reliquias historicas?

A torre de Braga escapou agora ao camartelo do progresso. Archivemos a sorte.

JOÃO DA CAMARA

VISITA DO REI DE PORTUGAL
AO PRESIDENTE LOUBET

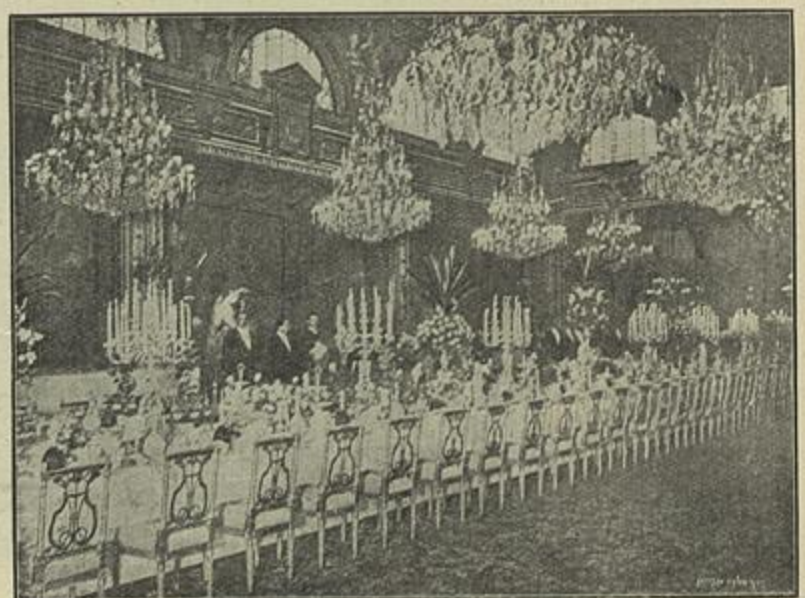
Conforme o programma official, Sua Magestade El Rei D. Carlos partiu para Paris em comboio real, que sahio da estação do Rocio ás 9 horas da noite de 20 do corrente, realisando a viagem sem nenhum incidente desagradavel, e chegando á estação dos Campos Elysios ás 2 horas e 55 minutos do dia 22.

Na estação era El-Rei D. Carlos aguardado por Mr. Loubet e altos dignitarios da Republica, e os primeiros cumprimentos foram da maior cordealidade. A' sahida da *gare* estava armado um pavilhão forrado de veludo vermelho e franjado de ouro, onde se realisou a recepção official, seguindo depois o cortejo até ao palacio do Quai d'Orsay, onde El-Rei ficou alojado, sendo o monarcha portuguez calorosamente saudado pela população de Paris, em todo o percurso onde as tropas formavam alas.

A estada de Sua Magestade na capital da França constituiu uma verdadeira festa na cidade do mundo, e as demonstrações affectuosas com que o governo e o povo francez receberam El-Rei D. Carlos, retribuiram bem a recepção que Mr. Loubet teve em Lisboa, nos tres dias que passou na nossa capital.

Toda a imprensa franceza se tem referido com palavras em extremo agradaveis para o monarcha portuguez e para o paiz que representa, do qual deseja quanto possivel a aproximação estreitando mais e mais as relações de commercio.

O banquete no Elyseu, realisado no dia da chegada, teve o brilhantismo das grandes festas, e



A SALA DO BANQUETE NO ELYSEU

O Anniversario de Suas Magestades os Reis de Portugal, na cidade de Rosario



BANQUETE DA COLONIA PORTUGUEZA NA CIDADE DE ROSARIO EM HONRA DE SUAS MageSTADES OS REIS DE PORTUGAL



A RECEPÇÃO NO CONSULADO PORTUGUEZ DA CIDADE DE ROSARIO EM HONRA DE SUAS MageSTADES OS REIS DE PORTUGAL
(Clichés da Photographia de «Londres»)

os brindes trocados entre El-Rei D. Carlos e Mr. Loubet, foram o mais affectuosos possível, recordando o Presidente da Republica o carinho com que fóra recebido pelos monarchas portuguezes e as expontaneas e calorosas ovações com que o povo de Lisboa o acolheu, o que ficava bem gravado em seu coração, como no coração da França.

A recita de gala na Opera foi outra festa brilhante com que El-Rei de Portugal foi acolhido em Paris.

Na visita d'El-Rei ao Hotel de Ville o presidente do municipio, Mr. Paul Brouse pronunciou um discurso extremamente affectuoso para Sua Magestade e para a nação portugueza, agradecendo a visita de El-Rei e terminando com as seguintes palavras :

«O acolhimento caloroso que se dispensou ao nosso Presidente, fortificou singularmente a nossa antiga amizade. Regosijo-me pelo ensejo que se me proporcionou de aqui apresentar a Vossa Magestade os agradecimentos de Paris. E permitti que alimentemos a esperança de que o artista que é Vossa Magestade ajude o Rei a conservar agradavel recordação da visita a um edificio onde os esforços do conselho municipal reuniram algumas bellas obras dos mestres da arte contemporanea.»

Visitou El-Rei D. Carlos tambem o *Museum*, onde se realizou uma sessão em sua honra.

N'aquella reunião de sabios fizeram-se varios discursos, de que reproduzimos o do Director do *Museum* Mr. Perrier, extremamente honroso para o monarcha portuguez :

«Vossa Magestade conhece perfeitamente esta casa, onde o trouxeram estudos que lhe são affectuados. Voltando hoje aqui no decurso de uma visita regia, Vossa Magestade dá aos sabios franquezas o testemunho precioso da mais alta benevolencia e solicitude com que o soberano do povo glorioso que festejou ha tempo o 4.º centenario de Vasco da Gama, acompanha os progressos da sciencia. Permitti que, por isso, expressemos a Vossa Magestade o nosso reconhecimento.

«Senhor Presidente: tivestes a delicada lembrança, depois de muitas outras provas da vossa sympathia, de reunir n'este berço secular das sciencias naturaes, uma assembleia de sabios para festejar um soberano que está á frente dos sabios do seu paiz. Para corresponder dignamente ao vosso desejo teria sido necessario evocar os grandes homens cujos nomes são immortaes; mas não sabemos resuscitar nem mesmo aquelles cujo pensamento ainda faz viver o nosso. No emtanto, calculamos que se Buffon estivesse hoje aqui presente, escutaria com surpresa Vossa Magestade a fallar-lhe de aves desconhecidas; que o abbade Bexon, o sr. de Lacepede, accrescentaria, com o vosso conselho, alguns capitulos á historia dos peixes; que seria preciso explicar ao mineralogista

Caubentou os mysteriosos fulgores do radium, que dentro em pouco Becquerel e Curie farão brilhar; que Dufay ficaria estupefacto com as temperaturas inverosimeis que a electricidade desenvolve no forno de Moissan; Chevreul protestar contra a maneira por que Lippmann parece arrancar á natureza as suas cores; e depois de ter visto os vapores ardentes que Lacroix soube reproduzir as tragicas imagens da Montanha Pellada, certamente Cu-

vier escreveria algum periodo eloquente sobre as revoluções do globo.

«Deixo aos meus illustres confrades o prestarem a Vossa Magestade a homenagem de todas essas surpresas.»

No dia 23 realisou-se a caçada em Rambouillet, offerecida pelo Presidente da Republica a El-Rei D. Carlos, e que foi dos numeros mais agradaveis do programma official.

El-Rei e o Presidente partiram para a caçada ás 9 horas da manhã com a sua comitiva e convidados, e, apesar do dia estar chuvoso, a festa venatoria correu animadissima, sendo mortas 600 peças de caça, incluindo 20 cabritos monteses.

No dia 24 terminaram as festas officias com que El-Rei D. Carlos foi recebido na capital da França. N'esse dia recebeu no palacio do Quai d'Orsay a colonia portugueza de Paris a que concorreram mais de 60 pessoas. Depois do jantar, Sua Magestade deu recepção ao corpo diplomatico e altos personagens da politica, seguindo-se um bello concerto por distinctos professores.

Foi esta a ultima nota festiva da estada official de El-Rei D. Carlos em Paris.

* * *

Sua Magestade continua, sob incognito, na grande capital, alojando-se no hotel Bristol, onde occupa os aposentos do primeiro andar e sobrelojas em que se alojou a sua comitiva.

No dia 25 visitou as grandes fabricas de artilharia de Creusot, assistindo ali a um exercicio e examinando os canhões destinados a Portugal, encomendados pelo governo portuguez.

Acceitou o convite do conde Beauvoir para uma caçada em Santricourt, diversão predileta de Sua Magestade.

El-Rei visitou em Paris o Rei Jorge da Grecia, e tem ido á Sociedade de Tiro, sustentando os seus creditos de primeiro atirador.

Na redacção do *Figaro* prepara-se uma festa dedicada a El-Rei D. Carlos, que terá excepcional brilho, como têm sempre as festas realisadas nas sumptuosas instalações d'aquelle jornal.

O Anniversario de Suas Magestades os Reis de Portugal, na cidade de Rosario

Os jornaes da Republica Argentina referem-se largamente a uma festa promovida pela Sociedade portugueza de Socorros Mutuos da cidade de Rosario, commemorando o anniversario natalicio de Suas Magestades El-Rei D. Carlos e Rainha D. Amelia.

E' consolador lembrar que os nossos irmãos dispersos por tantas terras do mundo, onde vão em busca de mais vasto compo para a sua actividade, sabem sempre honrar e nome portuguez e afervorar em seu coração o culto da mãe patria, não

se esquecendo d'ella quer nos lanços doloridos, quer nos dias de jubilo e de gloria.

A colonia portugueza, na cidade de Rosario, que ainda ha poucos annos era limitada, é ao presente numerosa, contando já uma sociedade de socorro mutuo em condições de prosperidade, e da qual é presidente o sr. José Moniz.

A direcção d'esta sociedade de accordo com o vice-consul portuguez, sr. Edmundo Esmeraldo, é que promoveu este anno, pela primeira vez uma festa em honra dos reis de Portugal no dia do seu anniversario natalicio, a qual despertou grande entusiasmo em toda a colonia portugueza.

Consistiu a festa em uma recepção no Consulado portuguez, á qual concorreram os consules e secretarios de Allemanha, França, Belgica, Dinamarca, Estados-Unidos, Mexico, Austria Hungria, Nicaragua, Hespanha, Chili, Bolivia, Italia, Paraguay, e a grande maioria da colonia portugueza, etc.

Esta recepção foi uma demonstração imponente, tanto de patriotismo e respeito pelos reis de Portugal, como de sympathia pelo vice-consul portuguez sr. Esmeraldo, que da sua parte correu para o maior brilho e imponencia da festa prestando-lhe todo o seu apoio, com o qual lhe deu maior auctoridade.

O sr. Edmundo Esmeraldo com a amabilidade que o caracteriza, foi inexcedivel de attenções para os representantes das potencias estrangeiras que concorreram á recepção e para todos os membros da colonia portugueza e mais visitantes.

Em frente da casa do consulado portuguez, na rua Belgrano, era enorme a concorrência e desde manhã que o local estava em festa. Pelas 3 horas da tarde realisou-se a recepção, emquanto uma banda tocava o hymno nacional portuguez e outros trechos de musica e subiam ao ar girandolas de foguetes.

A' noite foi a direcção da sociedade portugueza, acompanhada da banda de musica, buscar o vice-consul portuguez a sua casa, para o banquete, no Hotel Central.

A grande sala do hotel, profusamente illuminada a luz electrica, respirava festa e alegria. Decorada de flores e bandeiras portuguezas e argentinas, via-se ao fundo os retratos de Suas Magestades El-Rei D. Carlos e Rainha D. Amelia entre tropheus de bandeiras.

O banquete, de cincoenta talheres, foi animadissimo, levantando-se muitos brindes nos quaes se destacaram os dirigidos aos reis de Portugal á patria portugueza, ao sr. Edmundo Esmeraldo e ás prosperidades da colonia dos nossos compatriotas, em que devemos especialisar o sr. José Moniz como o membro mais influente da colonia portugueza na cidade de Rosario, a mais importante depois de Buenos Ayres.

Folgamos de poder registar no OCCIDENTE uma festa tão patriótica, que honra sobremaneira os nossos irmãos n'aquellas longinquoas paragens e que ao mesmo tempo manifesta a vida e prosperidade d'aquella colonia.

LITERATURA RUSSIANA

TREMENDA NOITE !

(Concluido do n.º antecedente)

E assim decorreu nem sei quanto tempo ; talvez um minuto, ou talvez um quarto de hora. E elle sempre a mirar-me ; e eu experimentando sempre uma sensação de mal estar e uma tal qual anciedade, e sem deixar de pensar no meu francês.

Por duas vezes tentei persuadir-me : «Forte disparte ! Que comedia !» tentei rir-me, encolher os hombros... inutilmente ! Como que se paralisava qualquer decisão da minha parte ; não fui capaz de acertar a proferir uma só palavra ! Aparentara-se de todo o meu ser como que uma atrophia geral. De subito, noto que o individuo se afastava da porta e avançava para mim um ou dois passos ; depois, deu um pulo a pés juntos, acercando-se ainda mais... ainda mais ; e os olhos ameaçadores, varando-me de lado a lado ! sempre de mãos atrás das costas e o largo peito a arphar... Afiguravam-se-me altamente irrisorios aquelles pulos, e davam-me immensa vontade de rir, e sem que eu atinasse a perceber o motivo, sentia o somno invadir-me. Cerravam-se-me as palpebras... aquelle vulto de jaqueta azul com o cabello estupentado e os olhos desbotados assumia a meus olhos duplas proporções— e por fim, evaneceu-se de todo !... Voltei a acordar : lá estava elle outra vez entre mim e a porta ; agora, porém muito mais perto... eis que torna a desaparecer— como se o envolvera uma nuvem;—ap-



A CAÇADA EM RAMBOUILLET — EL-REI D. CARLOS E O PRESIDENTE LOUBET

EXAMINANDO O QUADRO DA CAÇA

(Photographia do Mr. Leon Bouet)

Collecção Arroyo



GABINETE DE TRABALHO



COPO DE MARFIM
SECULO XV



GOMIL EM PORCELANA DE
SAXE, LUIZ XV



MESA, LUIZ XVI



VASO DE PORCELANA DE SEVRES



GOMIL DE PRATA ESCOLA
GIL VICENTE

parece de novo, sóme-se de todo... lá está outra vez — e cada vez mais perto, mais perto... já lhe sentia, até, o halito a bafejar-me.

Eis que volta a incobri-lo uma nuvem, e de subito, por entre esta principia a assomar, com os hirsutos cabellos em pé, clara e definida a cabeça do meu velho Desséré!

Sim, lá estão as verrugas, os sobrolhos bastos e escuros, o nariz de abutre! E' a mesma casaca verde de botões de metal, o colete lustrado e os bofes da camisa...

Soltei um grito e pus-me de pé, de um salto... Desapparece o ancião e em vez d'este, torna-se-me visível o individuo da jaqueta azul.

A cambalear, encostou as mãos e a cabeça á parede, soltou um arranco qual cavalo estafado e com a voz tomada, acode rouquejante. «Chá!»

Acto continuo, a Mastridia, ainda estou para saber de onde, investe para elle, clamando «Wassimka, Wassimka!» põe-se a enxugar-lhe o suor, a escorrer-lhe da testa e dos ensopados cabellos sobre o rosto.

Quis approximar-me: ella, porém, implorando, com voz commedevora a tal ponto, bradou-me «Excelentissimo senhor! Paesiuho da minha alma! Olha que o matas! retira-te, em nome de Nosso Senhor Jesus Christo,—vae-te embora! que lhe obedeci sem hesitar.

Ella, cantando, virou-se outra vez para o filho. —Meu amparo, meu pombinho, proferiu, tentando socegá-lo, já te dou o teu cháinho, deixa estar. E tu, meu rico paesinho, assim que chegares a casa, não te esqueça, toma tambem uma chavena de chá: exclamou dirigindo-se á minha pes soa:

Quando me vi nos meus penates, segui desde logo o conselho de Mastridia, mandei vir uma chavena de chá. Sentia-me fatigadissimo, e experimentava impressão de fraqueza.

—E d'ahi? inquiriu Ardalion, esteve lá? Sim? —Elle, effectivamente, alguma coisa me fez ver... e coisa que eu não esperava, confesso.

—E' homem muito sabido, lá isso é, observou Ardalion, apresentando-me o *samovar*.

E a gente do commercio, essa então, tem-n'o n'uma conta que eu sei lá!

Quando me meti na cama, pus-me a pensar na historia, e julguei ter-lhe encontrado explicação plausivel. Aquelle homem dispunha de força magnetica, levada ao mais alto grau: fazendo-a actuar sobre o meu physico por modo inexplicavel, suggeriu-me, tão real e perceptivel, a imagem do edoso francês, que eu tinha no pensamento, que afinal, acabei por vê-la surgir ante meus olhos, tal como se viva estivesse... Este transmitir de impressões, estas Metastases, são hoje, aliás, do dominio da sciencia.

De accordo, mas a força que conseguiu produzir taes impressões tinha, inquestionavelmente, um tanto ou quanto de secreto, de maravilhoso. E digam o que disserem, pensei, tive a convicção de estar vendo com os meus proprios olhos o meu defunto pedagogo.

No dia seguinte, effectuou-se o baile no casino da nobreza. O pae de Sophia veio visitar-me desde logo, recordando-me que eu, havia dias, tinha convidado a filha para a primeira contradansa. Cerca das dez horas da noite, entrámos ambos, no centro da sala, illuminada por uma quantidade de lustres de bronze, prestes a encetar os passos não mui difficeis de uma quadrilha francesa, ao som ensurdecedor de uma banda marcial.

Estava pouco concorrido o baile. As damas eram formosissimas, sem embargo, a palma caberia indubitavelmente ao meu gentilissimo par, a não serem um não sei que de singular no seu todo, e um olhar um tanto selvatico.

Notei que rarissimas vezes pestanejava; sem que isso prejudicasse a expressão franca do seu olhar. Era deveras encantadora, e os seus movimentos sobremodo graciosos, a despeito de uma tal ou qual timidez.

No acto de valsar, com o corpo um tanto dobrado, e a cabeça e o lindo colo inclinados sobre o hombro direito, como se quisesse manter-se a distancia do respectivo par, era impossivel imaginar um ente com aspecto mais juvenil, mais sereno e mais puro.

Trajava de branco, com uma fita preta no pescoço do qual pendia um aderece de turquêsas.

Convidei-a a dansar uma masurka, e fiz a diligencia de a obrigar a falar. Respondia-me, porem, como por demais, e com monosyllabos; escutava

atenta e sempre com aquella expressão somnambula de espanto, que a tal ponto me impressionara, desde a primeira vez em que a vi.

A despeito dos poucos annos e da singular formosura, nem sombras sequer de garridice, aos labios não lhe assomava um sorriso; e aquelles olhos, sem nunca se desfitarem dos olhos do seu par, mas que dir-se-ia estarem observando em direcção muito diversa, e atentos na contemplação do que quer que fosse... Que ente tão singular!

Desesperando já de a interessar por qualquer assunto tive a feliz inspiração de lhe narrar quanto na vespera me havia acontecido.

Escutou-me até á conclusão com visível interesse, e todavia, contra a minha expectativa, não lhe moveu espanto a minha historia, e perguntou-me, até, se acaso o individuo se não chamaria Wassili. Occorreu-me ter ouvido a velha chamar-lhe Wassimka.

—Effectivamente, Wassili é o seu nome; conhece-o, porventura?

—Reside cá na cidade um homem temente a Deus, que dá por esse nome, disse ella: elle e esse tal Wassili não serão a mesma pessoa?

—Não me parece que o temor de Deus tenha muito que ver no presente caso, observei: é simplesmente um effeito do magnetismo, um facto interessante quer para o medico quer para o observador de phenomenos naturaes.

E expus-lhe as minhas idéias acerca d'esse poder tão singular, a que dão o nome de magnetismo, — e sa faculdade consistindo em impor a um individuo as vontades de outro individuo, submetendo o segundo ao arbitrio do primeiro. E todavia, as minhas explanações um tanto obscuras não me pareciam produzir a minima impressão no animo do meu gentilissimo par.

Sophia, de mãos encruzadas sobre os joelhos e tão immovel como o leque que segurava em uma d'ellas, escutava-me, impassivel; deixara de brincar com o leque, meneava, porém os dedos, e eu sentia que todas as minhas palavras repercutiam n'ella tal qual repercutiriam em uma columna de pedra. Comprehendia-me, era porém manifesto professar a tal respeito opinião propria, inabalavel, direi, até, irradicavel.

—Supponho que não acreditará em milagres! exclamei.

—Certamente que acredito, retorquiu com placidez. E quem poderá eximir-se a acreditar.

Não nos diz o Evangelho, que porventura todo aquelle cuja fé attinja o valor, quando mais não seja de um grão de mostarda, poderá derrubar montanhas?

O nosso dever é acreditar, e portanto, existem milagres.

—Sendo assim, a fé, n'estes tempos em que vivemos, andará muito abalada, porque, a respeito de milagres, é coisa em que pouco ou nada se ouve falar.

—E não obstante, realizam-se; e o senhor com os seus proprios olhos acaba de o presenciare.

Não, a fé não se extinguiu em nossos dias: a base fundamental de toda a crença...

—A base fundamental do saber humano é o temor de Deus, atalhei:

A base de toda a crença; proseguiu Sophia, sem que de modo algum a abalassem os meus argumentos, é a abnegação de nós mesmo... a annullação do proprio individuo.

—A annullação?... exclamei.

—Sim. A' soberba, o orguho humano—eis o que nos cumpre expurgar radicalmente.—Ha pouco, referiu-se á vontade, a essa devemos annullá-la!

Mirei de alto a baixo a juvenil creatura... «E o peor é que esta criança não o diz por gracejo! pensei.

Lancei os olhos para os pares nossos vizinhos; retribuíram-me o olhar e dir-se-ia divertillos o meu espanto; houve entre elles alguém até que se riu para mim, como se quisesse dizer:

—«E então? que diz a isto?»

Não será uma rapariga original? Nós, seus compatrioticos, conhecemo-la perfeitamente.

—E já tentou quebrar a sua vontade, perguntei virando-me para o meu par.

—Assiste-nos o dever, a cada um de nós, de fazer aquillo que julgamos verdadeiro, retorquiu, com um certo tom dogmatico.

—Consinta-me que lhe pergunte, se acaso acredita na possibilidade de evocar os mortos?

Sophia meneou levemente a cabeça.

(Continúa).

M. DE MACEDO

A natureza e seus phenomenos

PARTE IV OPTICA

CAPITULO I

A LUZ E SEUS EFFEITOS

(Continuado do n.º 967)

A causa que em nós determina o phenomeno da visão, é a luz.

Um corpo torna-se-nos vizível quando emittir a quantidade de luz necessaria para actuar sobre nossos olhos, e produzir o phenomeno da visão.

As origens da luz podem ser *naturaes*; como o sol, relampago, auroras boreaes, etc., ou *artificiaes*, como as combustões, luz electrica, etc.

A parte da physica que trata de luz, denomina-se *optica*.

As theorias que explicam os phenomenos luminosos são: a da *emissão* e a das *ondulações*.

Na primeira, admitte-se que os corpos luminosos irradiam continuamente uma substancia imponderavel que, atravessando os corpos transparentes, produzem nos nossos olhos a impressão que nos dá conhecimento dos objectos.

Na segunda, admitte-se que a luz é o resultado do movimento vibratorio dos corpos luminosos, transmitidos aos nossos olhos por meio de um fluid extremadamente elastico e subtil (ether) e que preenche todo o espaço.

Os corpos de luz propria chamam-se *luminosos*, taes como o sol, as estrellas, etc.

Os que não teem luz propria e a recebem dos outros, dizem-se *illuminados*, como a lua, planetas, etc.

Corpos transparentes são os que deixam passar a luz, através d'elles, deixando perceber os objectos e sua côr.

Se os corpos deixam atravessar a luz, mas não distinguir os objectos nem sua côr, dizem-se *translucidos*.

Os que não deixam atravessar a luz, chamam-se *opacos*.

A agua, o vidro polido, etc., são *transparentes*. O papel, o marfim, a porcelana, etc., são *translucidos*. A ardósia, a madeira, etc., são *opacos*.

A luz propaga-se sempre em linha recta, por meio de raios luminosos.

O conjuncto de raios constitue um *feixe luminoso*.

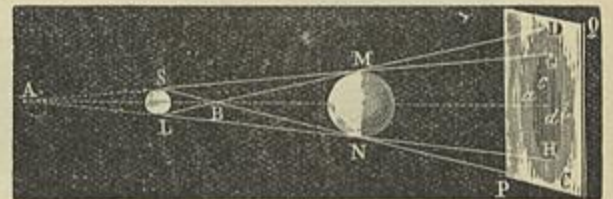


FIG. 49 SOMBRA E PENUMBRA

Sombra é a porção de espaço não attingido pela luz.

Na sombra, temos que distinguir duas partes: a sombra propriamente dita e a *penumbra*.

Seja SL o foco luminoso e MN, o corpo opaco. Tirando as tangentes (1) a estas superficies SNP, LNH, SMD, e LMD, teremos, assim, indicado no alvo PQ o limite da sombra e penumbra. Na parte existente atrás do corpo MN, no espaço comprehendido entre as linhas SM e LN, não ha luz nenhuma (sombra), no espaço comprehendido entre as linhas SM, LM; SN, LM, ha alguma luz, de modo que, na projecção sobre o alvo, veremos o espaço escuro *c g d h* e em redor d'este, um espaço annular *a b*, menos escuro, com alguma luz (*penumbra*). O resto do alvo está mais illuminado.

Se o corpo luminoso diminuir de grandesa, a sombra augmenta e a penumbra diminue até que, no caso da origem da luz, se reduzir a um ponto, a penumbra desaparece e a sombra é maxima. A figura representa o caso do foco luminoso ser menor que o corpo opaco, sendo, abi, a sombra e a penumbra indefinidas. Se o foco luminoso for maior que o corpo opaco, a sua sombra é definida, sendo ainda a penumbra indefinida.

(Continúa).

ANTONIO A. D. MACHADO

(1) Tangente a uma circumferencia é a linha que toca a circumferencia n'um ponto unico, chamado *ponto de contacto*. Se a linha tocar em mais de um ponto da circumferencia, denomina-se *secante*.

Collecção Arroyo

COLLECÇÃO ARROYO

Apresentando hoje a nossos leitores a reprodução em gravura de mais algumas preciosidades artísticas da *Collecção Arroyo*, desejariamos poder dar cabimento em nossas paginas a maior numero de gravuras d'essas preciosidades, se a nossa revista não tivesse de attender a outros assumptos tambem de interesse actual.

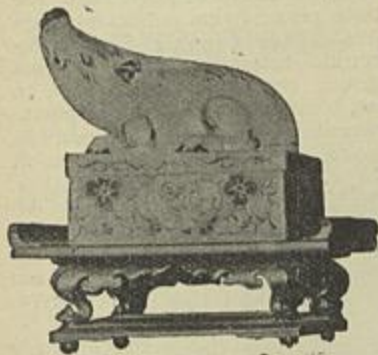
E' tão rica a *Collecção Arroyo* em objectos d'arte, que difficil é a escolha de qual será mais interessante e digno de apreço para os entendidos e amadores da especialidade.

Entretanto pelas gravuras que publicámos em o numero antecedente e pelas que hoje apresentamos, poder-se ha fazer ideia da variedade e valor d'aquella preciosa collecção, cuja venda está despertando o maior interesse dos amadores e pessoas de bom gosto, pois é certo que em Lisboa não ha muitas occasiões de se poder apreciar e adquirir obras tão valiosas.

Eis a designação dos objectos que hoje reproduzimos em gravura conforme a designação que se encontra no catalogo.

Um vaso de porcelana de Sévres, lapizlazuli engastado em bronze cinzelado.

Uma commoda defrente arredondada, traba-



COFRE DE PORCELANA DA CHINA

lho italiano em embutidos representando quadros de paisagem com figuras. Epoca Luiz XVI.

Uma mesa oval de madeira de cajueiro, com guarnições de bronze e tampo de marmore cor de rosa. Epoca de Luiz XVI.

Um cofre de porcelana da China em côres, encimado de uma cabeça de javali em porcelana tambem, com pedestal de charão preto e dourado.

Ecce Homo, quadro de Vivarini, do seculo XIV, com moldura de madeira dourada.

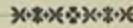
Um gomil de porcelana de Saxe, em côres. Epoca de Luiz XV.

Um copo de marfim entalhado em alto relevo, sobre assumpto relegioso, seculo XV.

Um espelho de Veneza, com moldura de madeira entalhada e dourada. Epoca de Luiz XV.

Cadeira de nogueira entalhada e dourada, com espaldar e assento de couro relevado. Epoca de Luis XIV. Como esta ha doze cadeiras.

Um gomil em prata dourada e lavrada, obra portugueza da escola Gil Vicente. Epoca da Renascença.



MEMORIAS DE UM FURA-VIDAS

POR

Alfredo Mesquita

Quando recebemos este livro do nosso querido amigo, prometemos-lhe de o lêr e de dar noticia ao publico, n'esta revista, promessa facil de fazer e de cumprir, por que é sempre para nós um grande prazer lêrmos um livro de Alfredo Mesquita; a saude, porém, não premetiu que nos desobrigassemos do nosso compromisso tao breve quanto desejavamos, e só agora o podemos fazer, quando o livro já estará, talvez, esgotado nas livrarias, de modo que estas breves, mas sinceras linhas, não poderão ser tomadas á conta de reclame á obra e ainda menos ao auctor, que de reclames não precisa.

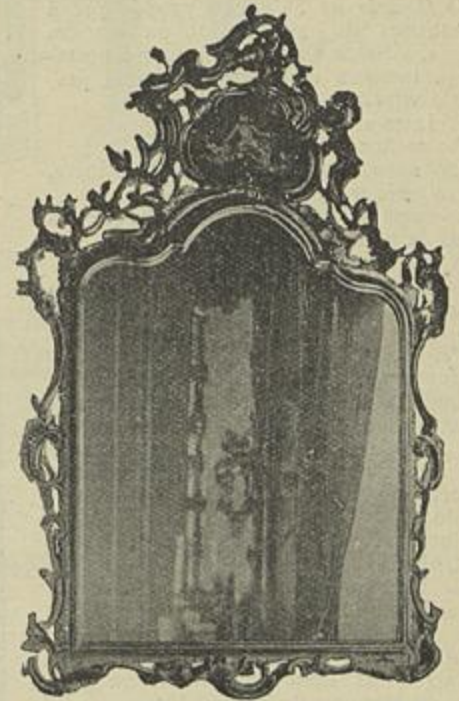
Dissemos que, é sempre para nós um grande prazer lermos um livro de Alfredo Mesquita, e dissémos a verdade do que sentimos, por que a simplicidade da sua forma litteraria, o bom senso da sua critica, revelam qualidades de character, que melhor se ajustam com o nosso modo de vêr e de sentir.

Entre os escriptores do nosso tempo só conhecemos um que possamos comparar a Alfredo Mesquita; é o saudoso Julio Cesar Machado, um dos nossos auctores queridos, que conhecemos desde os verdes annos, quando as suas comedias se representavam no theatro de D. Maria e elle escrevia folhetins na *Revolução de Setembro*.

Bons tempos porque eramos todos novos! Alfredo Mesquita é moderno, mas não se confunde na onde dos auctores novos n'este mar das letras onde tantos naufragam ás primeiras singraduras.

Leve na forma, é salutarmente philosophico no fundo, conceituoso, observador fino e justo, escarpellando sem esforço nem exagero a sociedade do seu tempo, com engraçada bonhomia, em que nos mostra sua alma simples e boa.

Com que prazer lêrmos as 200 paginas do seu livro, e em cada pagina a fina observação da vida, n'este meio de uma moralidade assaz complicada, muito mais complicada hoje, em que se aprende moral por um complicado e volumoso compendio, nos lyceus, do que nos tempos em que se



ESPELHO DE VENEZA, LUIZ XV

aprendia por um cathecismo de vintem, no mestre regio.

O *Pote*, esse typo de saquinho na mão, que toda Lisboa conheceu, devia ter uma moralidade dos tempos do cathecismo de vintem, a julgar pelo que nos diz o *Fura Vidias* nas suas memorias.

O *Pote* ficou muito surprehendido quando certo jornalista seu amigo, que desalmadamente se atirava a um ministro pondo-o pela rua da amargura, lhe declarou um dia que esse ministro não era tão mau como se dizia.

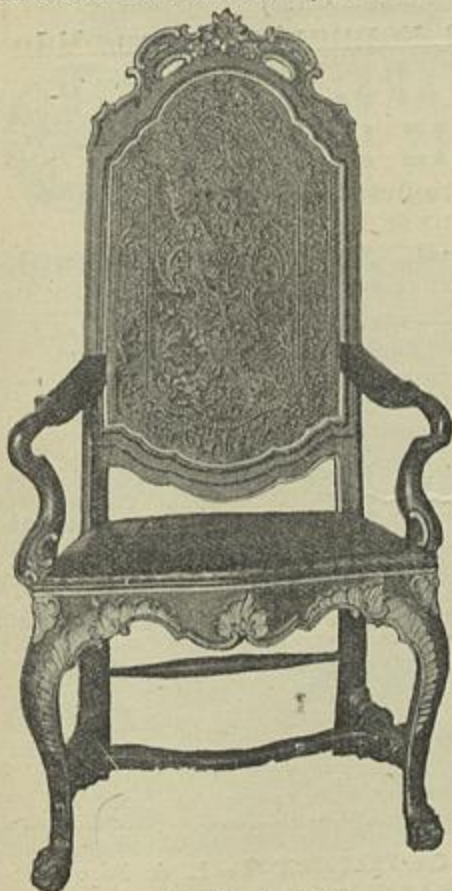
E o jornalista ponderava ao seu amigo *Pote*: «...Esse homem não é tão mau como tu o julgas. Estás enganado.»

E fazendo o elogio do homem com elevadas phrases e grandes gestos, assentava a mão aberta sobre o largo peito «que se fosse preciso dar a vida por elle, a dava...»

«— Podia dá-la — observava depois o *Pote* — podia dá-la, que não dava grande coisa!»

Pobre *Pote*! que lias por outro cathecismo...

E mais adiante lêmos nas *Memorias de Um Fura Vidias*:



CADEIRA, LUIZ XVI



COMMODA, LUIZ XVI

Collecção Arroyo

«O *Diário de Notícias* propõe que, á semelhança do que Monthyou fez em França, a Santa Casa da Misericórdia estabeleça também em Portugal alguns premios á virtude.

«E' justo.»

«Ao menos, o mesmo dinheiro.»

Tão simples, como um bico de alfinete, não se pôde ir mais fundo.

E vamos folheando as *memorias*, que nas coisas da politica também belicam:

«A' porta de S. Bento :

«—Mas então desde janeiro até agora, o que é que se tem passado no Parlamento?»

«— Tem-se passado — dois mezes!»

E mais adeante :

«Hontem, no baile em casa dos condes, aludindo a uma quadrilha em que aconteceu entrarem, por curiosa coincidência, todos os membros dos corpos gerentes de uma muito conhecida Companhia concessionaria em Africa, dizia alguém ao immaculado conselheiro!»

«Então V. Ex.» também entra n'esta quadrilha?»

«— Também. Mas apenas como commissario régio!»

Se se trata de ridiculos o *Fura Vidas* tem d'estas :

«Fala-se da obra de Garrett na presença do Marquez de Franco !

«— Conhece a *Joanninha dos olhos verdes*, O' Marquez ? pergunta-lhe um dos do grupo.»

«E o marquez, sorrindo, e repenicando com os dedos sobre o lado do coração :»

«— Já cá canta!»

E mais outra só para não tirarmos surpresas ao leitor que vá folhear as *Memorias de um Fura Vidas* !

«Dois moços literatos, realisando cada um o tipo de janota que o Conde de



ECCE HOMO, QUADRO DE VIVARINI, SEculo XIV

Arnosso pintou, com preciosas tintas, em um artigo do *Primeiro de Janeiro* acerca de Garrett, encontram-se á porta do Turf.

«—Leste o artigo do Arnoso ? pergunta um d'elles.

«— Li e gostei. Aquillo que elle diz é bem verdade. Os mal trapilhos das letras não nos perdoam o córte irrepreensivel da sobre casaca, nem a cava justa da calça, nem a perola que nos morde o laço da gravata...»

«— E a respeito de obras, tens agora alguma em preparação?»

«— Sim... Tenho...»

«— No Tavares Cardoso?»

«— Não. No Nunes Correia.

«Um fato de cheviote inglez, magnifico, todo ás riscas...»

E por aqui fóra vae o livro em mil historietas e casos, *rindo e castigando* com tão bom humor e graça, que muitos attingidos pela sua critica, lhe perdoarão, pelo fino espirito que a produziu.

E' este o livro de Alfredo Mesquita, que ha 15 annos para cá vem publicando suas obras, principiando por *Julio Cesar Machado* (retrato litterario), auctor da sua paixão, e que com tanto brilho veio, se pôde dizer, substituir, na litteratura portugueza, seguindo se o *Portugal Moribundo*, *Vida airada*, *De cara alegre*, *Terras de Hespanha*, *Cartas da Hollanda e Lisboa*.

Nas *Memorias de um Fura Vidas* Alfredo Mesquita encarna se num José Isidoro de que andou ajuntar as coisas que sabia d'elle, um excentrico, que por fim morreu deixando-lhe o titulo para o livro, que não chegou a fazer.

Pois arranje mais algum excentrico e conte-nos as suas memorias, que nós cá estamos para as saborear e comnosco o publico, estamos certo.

C. A.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 411, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE

REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobílias e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

Almanach illustrado do OCCIDENTE Para 1906

Sahiú a publico este interessante annuario e desde já se recebem encomendas. A capa é uma bonita aguarella do sr. José Leite. Preço 200 réis, pelo correio 220 réis.

EMPRESA DO OCCIDENTE — LARGO DO POÇO NOVO LISBOA

Methodo Berlitz

LISBOA

PORTO

R. do Alecrim, 20 A

Rua Sá da Bandeira, 259

1.º e 2.º andar

Dois medalhas de ouro e prata

Exposição Universal de Paris de

1900 Grand Prix—

Exp. de S. Luiz 1904

Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Línguas Vivas

Ensino pratico

POR

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Affonso XIII

Professores de S. A. o Principe Real da Allemanha

Professores de S. A. o Principe Friedr. With. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERÁES, separadas para HOMENS e SENHORAS

Allemaõ, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida



LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais Espagnol, Italien et portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal



PHOTOGRAPHIA FILLON

A mais antiga de Portugal

A. BOBONE

Pintor photographo de Suas Magestades e Altezas

Premiado em diversas exposições estrangeiras com o Gran Prix, 4 diplomas de honra e 8 medalhas d'ouro e 2 de prata

Fazem-se retratos em todos os generos Grande collecção de monumentos historicos, museus e academias do paiz

79, RUA SERPA PINTO, 87 (Chiado, junto da Igreja dos Martyres), LISBOA

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

Preço da capa 800 réis, franco de porte. Preço da capa e encadernação 1.200 réis,

Pedidos á EMPRESA DO OCCIDENTE — L. do Poço Novo LISBOA